

LÓPEZ SEGRERA, Francisco. **Cuba-EEUU: de enemigos cercanos a amigos distantes (1959-2015)**. Barcelona: El Viejo Topo, 2015, 172p.

Resenhado por Marcos Antonio da Silva¹

O anúncio conjunto da retomada das relações diplomáticas entre Cuba e EUA, em dezembro de 2014, constitui-se num dos principais eventos da geopolítica regional e das relações interamericanas. Depois de cinco décadas de distanciamento, crises, conflitos e agressões, finalmente o principal conflito geopolítico na América Latina parece seguir o curso da normalização. No entanto, apesar da euforia inicial, inúmeras dúvidas continuam perpassando tal processo: Quais foram as motivações de cada governo para dar início a este processo? É possível a normalização das relações entre estes países depois de décadas de desconfiança e belicosidade? E, em caso afirmativo, quais os seus principais elementos constitutivos? Como as demandas de cada parte podem afetar a continuidade deste processo?

O conflito entre Cuba e EUA possui uma larga trajetória e se inicia a partir da independência tardia da ilha caribenha do domínio colonial espanhol. No final da longa guerra de independência, a ação americana, impulsionada pela famosa Doutrina Monroe que orientava a política externa do país para a região e pelo afundamento de um navio, sobrepujou a autonomia cubana. Desta forma, através da Emenda Platt os EUA criaram um domínio neocolonial e introduziram uma soberania tutelada que permitiu a onnipresença estadunidense, até 1959, na economia, política e cultura cubana.

Com a vitória revolucionária e as mudanças introduzidas pelo novo regime que afetavam os interesses norte-americanos a lógica do conflito passou a determinar tal relação. Tal lógica foi impulsionada pela Guerra Fria, o embate entre

¹ Professor do curso de Ciências Sociais e do Mestrado em Sociologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Doutor em Estudos sobre Integração Latino-Americana (PROLAM/USP).

as duas superpotências globais e os ideais que buscavam representar, e os princípios e ações geopolíticas que orientavam tal enfrentamento. Neste quadro, Cuba desenvolveu uma aliança profunda (em todos os setores) com a URSS e procurou promover um desenvolvimento nos marcos do socialismo soviético, o que agudizou o conflito que se tornou um dos mais representativos do período. Com o fim do bloco soviético e o aprofundamento do embargo e ações estadunidenses, tal conflito continuou, embora com os fundamentos e a eficácia cada vez mais questionados, como a principal herança da Guerra Fria na região.

Desta forma, pode-se constatar que as relações entre Cuba e EUA sempre foram marcadas pela anormalidade ou pelo arranjo desafiador do equilíbrio entre autonomia e dependência, entre proximidade e conflito.

Disto resulta que o livro de Francisco López Segrera constitui-se numa leitura fundamental para compreender o contexto e a dinâmica de rompimento e da retomada dos laços diplomáticos e preenche uma lacuna para a compreensão da dinâmica das relações entre Cuba e EUA e, de certa forma, do futuro das relações regionais.

Francisco López Segrera é um dos principais intelectuais contemporâneos cubanos. Doutor em estudos latino-americanos pela Universidade de Paris VIII (Sorbonne). Foi vice-diretor do Instituto Superior de Relações Internacionais (ISRI) e atualmente é professor deste órgão responsável da formação dos quadros da diplomacia cubana. Além disto, foi funcionário da UNESCO, entre 1994 a 2009, atuando, inclusive, como diretor do IESALC. Atuou como professor visitante em inúmeras universidades², inclusive no Brasil, e atualmente, além de seu trabalho no ISRI, é consultor da Global University Network for Innovation (GUNI) e professor da cátedra da Unesco na Universidade Politécnica da Catalunha. É autor de inúmeros artigos e, aproximadamente, 30 livros dentre os quais se destacam: *“Cuba Cairá?”* Vozes, Rio de Janeiro, 1995; *“Cuba sans URSS (1989-1995)”* Presses Universitaires, Septentrion, Lille, France, 1997; *“Cuba después del colapso de la*

² Dentre elas: Universidade Nacional do México, Universidade de Guadalajara, Universidade Central da Venezuela, Universidade Nacional da Colômbia, Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Boston College, Universidade de Berkeley e Stanford, Universidade de Paris VIII (Sorbonne), Instituto de Barcelona de Estudos Internacionais (IBEI) e Universidade de Salamanca.

URSS (1989-1997)+ UNAM, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Humanidades, Colección *El Mundo Actual*+ México, 1998; *A Revolução Cubana: propostas, cenários e alternativas*+ Maringá: EDUEM, 2012; *América Latina: crisis del posneoliberalismo y ascenso de la nueva derecha*+ Buenos Aires: CLACSO, 2016.

O livro, cujo instigante título já atrai o leitor, está escrito numa linguagem objetiva e está organizado da seguinte forma.

O primeiro capítulo (*Raíces históricas del diferendo Cuba-EEUU*) resume o processo de independência cubana e, principalmente, apresenta uma caracterização das 11 administrações estadunidenses, desde Eisenhower (1959-1961) até Obama (2009-2015), procurando descrever os diversos momentos (divergências, agressividade e aproximações) da política dirigida a ilha caribenha. A partir disto, procura analisar o processo atual como resultado de dois fatores fundamentais: a percepção de que a ascensão de Raul Castro não afetaria a estabilidade do regime cubano e a crescente opinião, entre a classe política estadunidense e outros setores, da falência da estratégia tradicional.

O segundo capítulo (*Percepciones mutuas 1959-2015*) analisa a construção e percepção de cada nação sobre a outra. Neste sentido, apresenta que os princípios e as diversas fases da diplomacia revolucionária cubana e a visão desta de que o conflito foi a única opção, embora não desejada, e de que a liderança cubana sempre teve a percepção de que os EUA são uma potência que não renuncia a suas pretensões hegemônicas, embora sinais de seu declínio tenham emergido em certos momentos. Por outro, aponta que, em sua perspectiva, a percepção estadunidense foi se modificando desde que considerar Cuba, devida a aliança com a URSS, uma ameaça a segurança nacional até a visão recente, na administração Obama, de que Cuba não representa uma ameaça e pode se constituir numa oportunidade de negócios, passando pela dúvida (na década de 90) de sua capacidade de sobrevivência, depois da queda do bloco soviético.

Finalmente, o terceiro capítulo projeta quinze hipóteses sobre os assuntos mais importantes de tal processo e procura identificar as principais tendências para a continuidade (ou não) desta reaproximação. Neste sentido, discute os aspectos

inconvenientes para a solução do conflito Cuba-EUA, os principais atores domésticos que podem interferir na política norte-americana, as causas que conduziram ao reestabelecimento das relações diplomáticas e, fundamental, os temas que devem ser solucionados para que se alcance a normalidade das relações.

De tal discussão dois aspectos podem ser destacados e são polêmicos. No que se refere às razões da reaproximação, o autor identifica que o fator fundamental foi a gradual recuperação econômica cubana e, em menor medida, outros aspectos como o temor de uma crise migratória, a condenação (quase unânime) do bloqueio econômico, o constante rechaço de América Latina e União Européia (principais sócios comerciais da ilha) a política estadunidense, a presença econômica (cada vez maior) de China e Rússia na região, a tentativa dos EUA de recuperar sua imagem na região e, finalmente, a ação de setores empresariais que não querem ficar fora do mercado insular. Outro aspecto fundamental é a identificação das (prováveis) áreas de cooperação que seriam: economia, defesa e segurança, saúde pública, ciência, cultura e esportes.

Apesar de algumas lacunas e considerações polêmicas (a periodização do processo revolucionário, os momentos de mudanças internas, os efeitos da participação cubana no Conselho de Ajuda Mútua do bloco socialista, os impactos das alianças recentes e as opções e iniciativas recentes do socialismo cubano), trata-se de um trabalho muito atualizado, baseado em fontes cubanas e norte-americanas, que demonstra a complexidade (e as incertezas) que marcam tal processo. Além disto, ao valorizar a perspectiva cubana nos ajuda a compreender o outro lado já que tal visão permanece desconhecida ou ignorada pelo público brasileiro, inclusive na academia, pela presença e publicações excessivas de perspectivas hegemônicas (eurocêtricas e anglo-saxãs).

Tal processo foi marcado por uma euforia inicial, pouco a pouco substituída pela cautela e o aprofundamento gradual de tal relação. Neste sentido, se constituiu num dos principais legados da administração Obama que, ainda antes do final de seu mandato, promulgou uma nova diretiva presidencial para orientar os próximos passos do processo e procurou impulsionar acordos em temáticas e áreas menos

conflitivas, como a migração, para a reaproximação fosse aprofundada. No entanto, as demandas e os temas conflitivos, bem como a (inesperada?) ascensão de Trump ao governo norte-americano, parece indicar que ainda há um longo caminho até uma possível (?) normalização das relações entre o gigante do norte e a ilha caribenha.

Em suma, trata-se de uma obra fundamental e instigante para a compreensão das relações entre Cuba e EUA, cujo desdobramento possui diversas possibilidades e um longo caminho a ser percorrido mas que, certamente, trará um impacto considerável nas relações regionais e internacionais contemporâneas. Boa leitura.

Recebido em 20.02.2017.

Publicado em 27.02.2017.